

# DESAFIOS URBANOS '12

CONCURSO DE IDEIAS PARA A REVITALIZAÇÃO DA FÁBRICA DO CAVALINHO, GUIMARÃES

“Vazio, portanto, como ausência, mas também como promessa, como encontro, como espaço do possível, da expectativa.”

SOLA-MORALES, IGNASI, “TERRAIN VAGUE”

O desenvolvimento industrial em Guimarães, principalmente durante o último século, foi responsável pela rápida transformação do seu território, introduzindo importantes mudanças no seu ambiente urbano. Muitas dessas áreas fazem hoje parte do seu centro, contudo, com a progressiva evolução tecnológica estas instalações foram sendo desativadas, já que não se adaptavam às novas necessidades de produção. Estes testemunhos abandonados da atividade industrial podem facilmente ser observados pelo exterior nos inúmeros percursos delineados pela cidade, como também no seu território suburbano e rural. Ultimamente temos assistido a algumas intervenções que propõem a reintegração de algumas destas estruturas na vida contemporânea, adaptando-as a novos usos, aliando requalificação construtiva e urbana a, nalguns casos, salvaguarda patrimonial. Porém, qualquer intervenção implica obrigatoriamente uma alteração das preexistências, pondo em causa as características inerentes à ruína e uma identidade a uma área até então expectante, destruindo muitas vezes espaços com características e vestígios de um legado único.

A presente proposta pretende repensar o futuro destes vazios urbanos, aparentemente esquecidos, mas cada vez mais procurados como espaços alternativos, paralelamente à atividade da urbe. Nestes outros espaços, de indefinida identidade, onde predomina sobre o presente a memória do passado, o cidadão urbano explora muitas vezes a estranheza dos lugares, usufruindo da sua não ocupação (material como identitária) e do sentido de liberdade que esse abandono consente.

A Fábrica do Cavalinho, construção que foi sendo desenhada com fins estritamente produtivos, racionalista por excelência, transformara-se agora num espaço vazio, assumindo a inexistência de uso e de sentido. Fechada à urbe, narra uma história independente da cidade produtiva, do quotidiano, que opera à sua volta.

A estrutura, agora abandonada à sua própria materialidade, já não é ocupada pela maquinaria da produção industrial, mas por escassos resíduos e pela obstinada vegetação que tenta reconquistar o seu lugar. Árvores e arbustos ocupam agora alguns dos espaços, definindo a paisagem, dramatizando o cenário de ruína e criando um ambiente único que dificilmente se preservará com uma intervenção arquitetónica impositiva, que tenha a finalidade de colonizar este lugar.

Que futuro e papel poderá ter este lugar na cidade, enquanto espaço realmente único? Aparentemente, a intervenção arquitetónica tem sempre bastante dificuldade em descobrir o equilíbrio entre a intervenção radical, que tende sempre a uniformizar o território, tornando tudo reconhecível e idêntico, e o total abandono e alheamento destas estruturas em relação aos espaços do quotidiano.

“Em vez de construir coisas desnecessárias, poluindo o espaço físico mental, use o que já está criado.”

Gold, E. J., “Reductionist Art Manifesto”

O projeto propõe uma intervenção mínima, procurando o equilíbrio entre a ocupação futura e a estrutura existente, definindo sobretudo uma colonização que respeite a ruína e a atmosfera do lugar. Propomos a criação de um equipamento de função imprecisa, criando um espaço de liberdade e de identidade cambiante dentro da cidade produtiva.

Os espaços/hangares industriais serão preservados na sua condição de espaços vazios, como lugares expectantes. Possibilitando a visita informal de transeuntes e turistas, que podem contemplar a nostalgia das antigas estruturas produtivas e os lugares “sujos” de acontecimentos,

como permitir a eventual programação de eventos e atividades esporádicas: exposições, happenings, conferências, concertos, festas, peças teatrais e de dança, etc. Simultaneamente será instalada uma horta urbana na construção mais baixa, um bar/restaurante no piso da cobertura, e uma área de estacionamento para servir os utentes e visitantes. Pretende-se assim abrir a fábrica/ruína ao público, com uma intervenção arquitetónica ligeira, mas que poderá dinamizar o espaço e simultaneamente permitir a sua viabilidade económica (com a instalação do bar/restaurante e com o aluguer de espaços para eventos).

São estabelecidas duas entradas públicas principais no complexo, uma ao nível do rés-do-chão, pela entrada original da fábrica, e outra pelo piso da cobertura, sendo esta facilmente acessível pela cota mais alta da rua. Também poderão existir duas entradas pelos pisos 1 e 2, nos vãos envidraçados existentes, que poderão funcionar para eventos mais específicos a decorrer nessas áreas.

No volume mais baixo do complexo, orientado a Oeste, com características menos “cénicas” que os restantes espaços, propomos a demolição da cobertura, mantendo a estrutura metálica das asnas. Em todo o piso do rés-do-chão será instalada terra vegetal, adaptando este espaço ao funcionamento de uma horta urbana, num cenário industrial. Algumas das áreas poderão funcionar como estufas, usando as paredes divisórias e a estrutura da cobertura existente para aplicação dos revestimentos. Também serão implantadas árvores de médio porte, algumas de fruto.

A instalação do bar/restaurante no piso da cobertura, prevê a demolição do volume existente no 3º piso, já que esta construção (áreas correspondentes à antiga administração da fábrica) não apresenta características que justifiquem a sua salvaguarda nem a sua adaptação ao novo programa.

As escadas existentes no edifício serão adaptadas e será instalado um elevador, permitindo fazer as comunicações verticais do piso da cobertura aos restantes, incluindo às áreas exteriores e horta “industrial”.

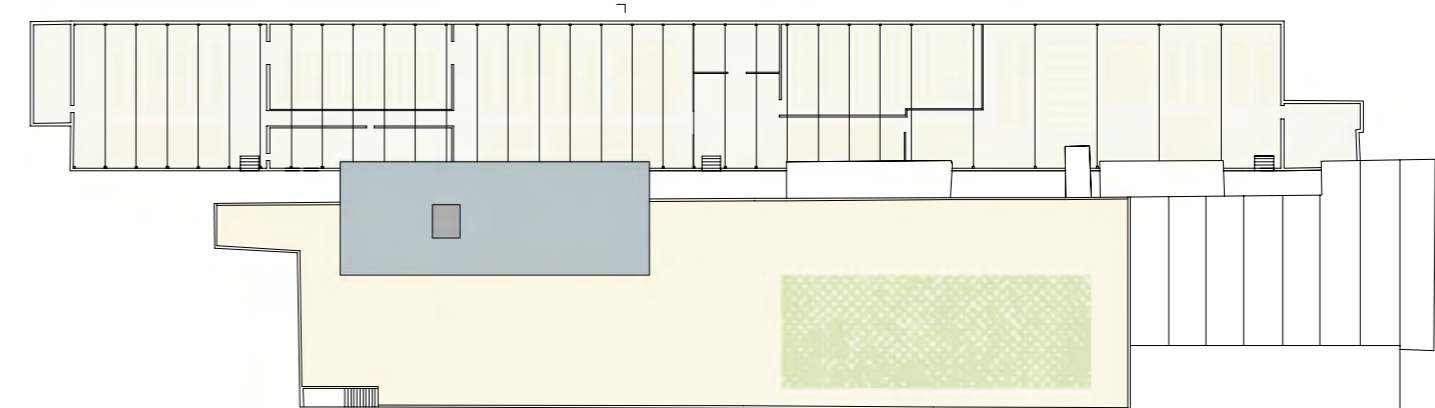
O novo volume terá um carácter construtivo ligeiro, e pousará sobre a ruína de pedra e betão, contrastando a sua leveza com a materialidade mais visceral da construção fabril. Propõe-se uma construção seca, com estruturas metálicas e revestimento exterior em vidro, permitindo abrir as vistas deste espaço à cobertura/terraço, aos jardins e edifícios do Centro Cultural Vila Flor, ao conjunto arbóreo a oeste e ao centro da cidade de Guimarães. A cobertura do novo volume será plana, com lajetas cerâmicas “Climate” da “CS - Coelho da Silva”, o pavimento interior terá um revestimento cerâmico “Colors Kerlite” da “Margres” e as ferragens para portas e janelas preverá sistemas da “Geze” e da “Klein” da “Sá Castro”.

Propomos também a manutenção do conjunto arbóreo e arbustivo existente, com o abate seletivo de algumas espécies e com a plantação de outras, mantendo o cenário criado pelo contraste da flora com a construção. Define-se um arranjo paisagístico envolvente às edificações, permitindo o seu percurso e atravessamento, como o controle e reorganização das espécies vegetais no percurso entre os dois volumes fabris.

A intervenção pretende assim integrar este espaço expectante na atividade da urbe, porém, com a introdução da noção de continuidade no tempo e no espaço desta estrutura paisagística abandonada.



Corte Transversal - escala 1:500



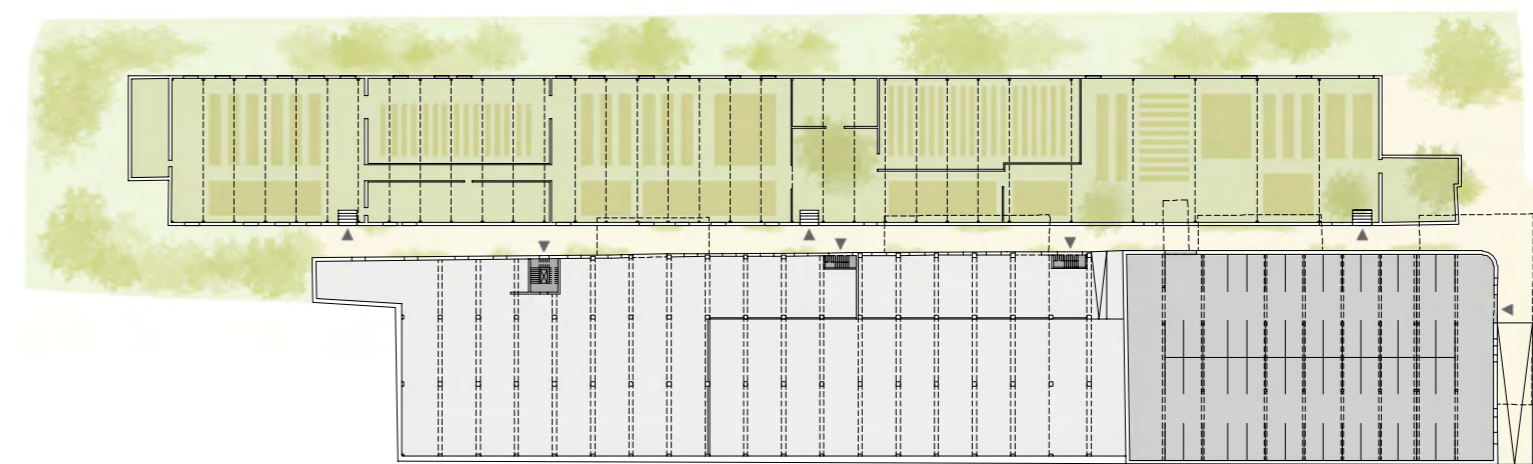
Planta piso 3 e cobertura



Planta piso 2

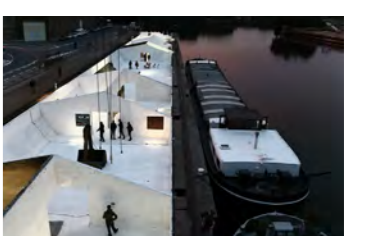


Planta piso 1

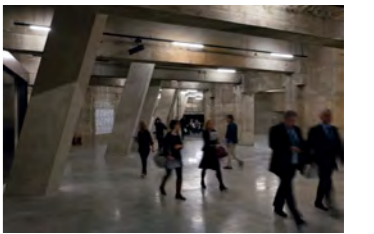


Planta piso 0 - escala 1:1000

- Bar/Restaurante
- Hangares industriais
- Estacionamento
- Acessos verticais
- Horta “industrial”
- Área verde
- Área pavimentada



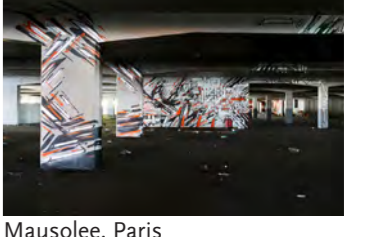
Grindbakken, Ghent



Tate Tanks, T. Modern, Londres



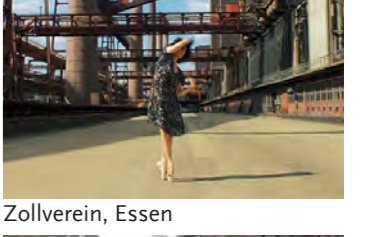
Tate Tanks, T. Modern, Londres



Mausolee, Paris



Zollverein, Essen



Zollverein, Essen



Horta urbana, Chicago



Bar, Portugal